



MEU CORPO SABE

MY BODY KNOWS

Alanys Maria Araújo de Paula¹
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Associado/a/e ANPAP: não

Luciana Borre²
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Associado/a/e ANPAP: sim

Resumo: “Meu corpo sabe” corporifica as vivências da uma Imersão Artística realizada em agosto de 2023 como atividade do Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), vinculado ao PPGAV UFPB/UFPE. A ação foi parte da pesquisa “Narrativas Têxteis e Docência Artista”, que busca aprofundar as relações entre o fazer artístico e as práticas educacionais com estudantes em processo de formação inicial. Este ensaio visual trata de percepções e produção de sentidos vividos durante a experiência.

Palavras-chave: Ritual. Foto-performance. Experiência.

Abstract: “My body knows” embodies the experiences of an Artistic Immersion held in August 2023 as an activity of the Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), linked to PPGAV UFPB/UFPE. The action was part of the research “Textile Narratives and Artist Teaching”, which seeks to deepen the relationships between artistic practice and educational practices with students in the initial training process. This visual essay deals with perceptions and production of meanings experienced during the action.

Keywords: Ritual. Photo-performance. Experience.

¹ Alanys Araújo é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da UFPE/UFPB e licenciada em Artes Visuais pela UFPE. Atualmente atua como Mediadora Cultural, artista visual e pesquisadora. Faz parte do Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), vinculado ao PPGAV UFPB/UFPE. E-mail: alanys_araujo@hotmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3262143461221900>

² Luciana Borre é artista têxtil, professora e pesquisadora. Mãe por adoção e Família Acolhedora. Atua nos cursos de Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco e integra o Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPE/UFPB. Doutora em Arte e Cultura Visual (UFG), Mestre em Educação (PUCRS), especialista em Gestão Educacional (PUCRS) e Pedagoga (UFRGS). Atuou como professora na Educação Básica. E-mail: lucianaborre@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1929-3734>.



Eu não sou católica, mas minha avó é. Quando eu nasci sem respirar, ela fez uma promessa para algum santo cristão, e agora eu respiro bem, então posso afirmar que mesmo não sendo religiosa, eu respeito e vivo a importância de rituais. Eu nunca fui à missa, mas todo ano eu deposito rosas brancas nos pés de Nossa Senhora da Conceição, acendo velas ao lado da minha tia e fico em silêncio enquanto ela reza. Cada pessoa faz o necessário para sobreviver nesse mundo cão, e eu entendo isso muito bem.

Mesmo com todo esse ceticismo, algumas coisas ficam com você. Quando comecei a licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a mulher que eu amo cortou meu cabelo no banheiro da Universidade, e eu prometi ali que só cortaria de novo quando eu me formasse. Sem deuses, sem mestres. Pelas mulheres que me criaram, eu precisava ser uma história de sucesso, mas para quem a cética reza? Aos pés de quem eu deposito essas flores? Quem escuta minhas orações? A única coisa que o cristianismo me ensinou foi sobre sacrifício.

Em 2023, eu me formei na UFPE. Meus cabelos nunca estiveram tão longos.

Na Imersão Artística junto ao Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (GPEAV), estudamos *Sobre Quem Zela Por Nós*; durante as manhãs, cuidávamos uma da outra em seus rituais, durante a noite falávamos de espiritualidade e arte. Pensei que deveria sacrificar algo também, e ofereci que, durante o meu momento de ritual e cuidado, as participantes cortassem meu cabelo, já que iria me formar no mês seguinte. Era uma forma de honrar o ciclo: eu, aos 18 anos, de joelhos no banheiro público; depois eu, aos 23 anos, sentada na grama. Início e fim, sempre com pessoas que amo, rezando para ninguém.

No dia, fizemos o ritual. Entrei no lago frio de mãos dadas com uma amiga amada e depois sentei para cortar o cabelo. Para além do religioso,

percebo que quando nossas narrativas se tornam rituais por meio de um fazer manual desacelerado, consciente e espreito à escuta, e rica de um saber e uma memória corporizada, encontramos possibilidades de reconhecimento. Reconhecer reside no fato de que agora se conhece mais do que antes (Ferreira; Borre, 2022, p. 16).

Pude acessar o fazer ritualístico como um transe. Reconheci a possibilidade de me deixar nas mãos de forças maiores como processo artístico-ritualístico, confiar o meu corpo a uma ação para além de mim. O barulho da tesoura me fazia rir. Minhas amigas, mentoras, colegas, entre outras mil coisas, sussurravam coisas ao meu ouvido e recolhi os fios de cabelo que caíam. Meu corpo inteiro formigou. A poeta Mary Oliver dizia que “atenção é o início da devoção” (2016, p. 13 [tradução nossa]) e estar presente nesse momento me fez compreender essa ideia.

Para a presentificação que o processo artístico obriga a artista a estabelecer, é necessário encontrar cúmplices. Carlos Drummond de Andrade disse melhor: “Que pode uma criatura senão, entre criaturas, amar?” (1991, p. 49). Minha avó performa seus rituais para encontrar Deus, e eu para encontrar arte. As duas coisas envolvem atenção, devoção e, acima de tudo, amor.



Imagem 1. Alanys Araújo e Graci Ferreira, sem título, foto-performance, dimensões, Gravatá, 2023. Foto: Walton Ribeiro, 2023.



Imagem 2. Alanys Araújo e Graci Ferreira, sem título, foto-performance, dimensões variáveis, Gravatá, 2023. Foto: Walton Ribeiro, 2023.



Imagem 3. Alanys Araújo e Graci Ferreira, sem título, foto-performance, dimensões variáveis, Gravatá, 2023. Foto: Walton Ribeiro, 2023.



Imagem 4. Alanys Araújo e Graci Ferreira, sem título #4, foto-performance, dimensões variáveis, Gravatá, 2023. Foto: Walton Ribeiro, 2023.



Imagem 5. Alanys Araújo e Graci Ferreira, sem título #5, foto-performance, dimensões variáveis, Gravatá, 2023. Foto: Walton Ribeiro, 2023.

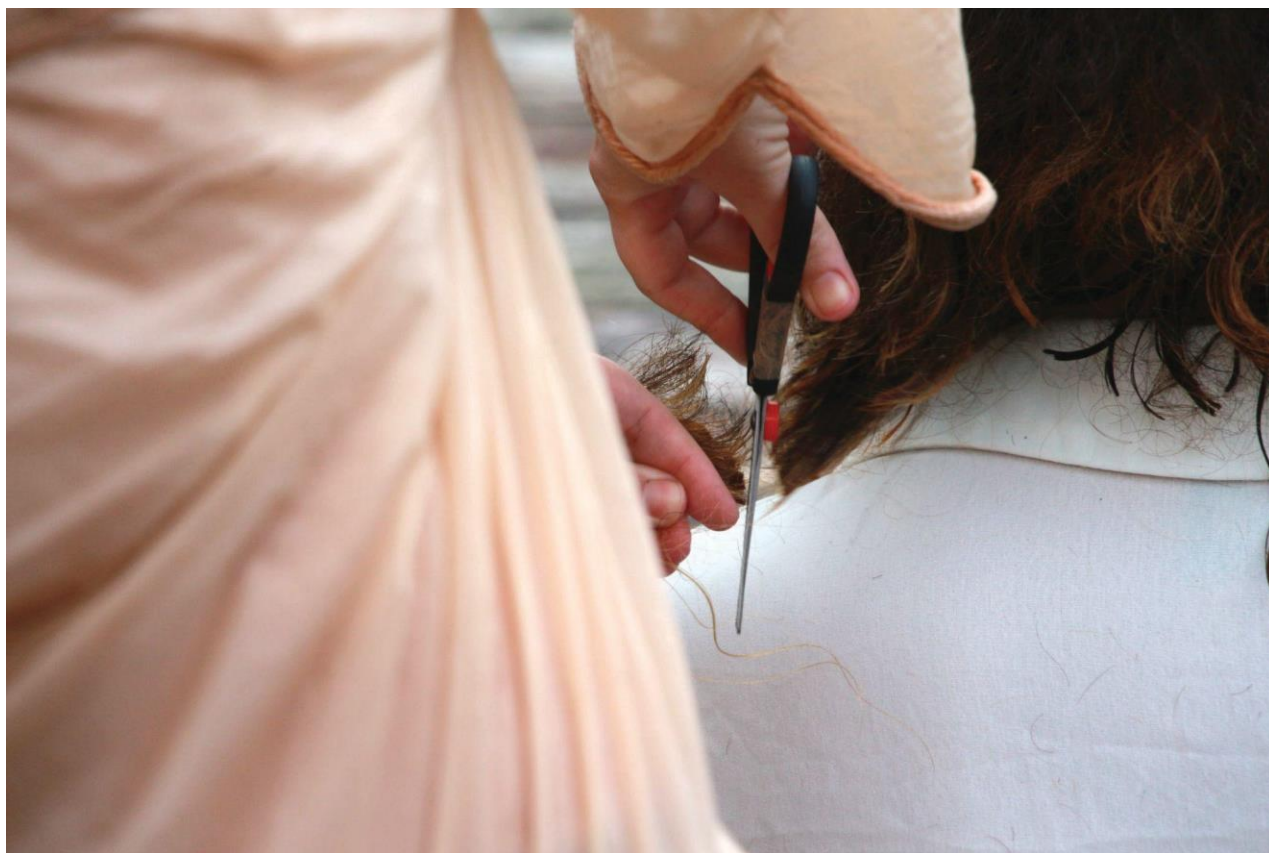


Imagem 6. Alanys Araújo e Graci Ferreira, sem título #6, foto-performance, dimensões variáveis, Gravatá, 2023. Foto: Walton Ribeiro, 2023.



Imagem 7. Alanys Araújo e Graci Ferreira, sem título #7, foto-performance, dimensões variáveis, Gravatá, 2023. Foto: Walton Ribeiro, 2023.



Imagem 8. Alanys Araújo e Graci Ferreira, sem título #8, foto-performance, dimensões variáveis, Gravata, 2023. Foto: Walton Ribeiro, 2023.

Referências

Andrade, Carlos Drummond de. **Claro Enigma**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.

Ferreira, Graciela Renato; Borre, Luciana. A narrativa autobiográfica como ritual na formação docente. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 011–023, 2022. DOI: 10.5965/24471267832022011. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/22842>. Acesso em: 1 maio. 2024.

Oliver, Mary. **Upstream**. Nova Iorque: Penguin Press, 2016.